

A economia solidária como uma forma de promoção da juventude no campo

The solidarity economy as a way to promote youth

Tatiana Oliveira Novais¹
 Antônio Carlos Carvalho de Jesus²
 Lua Isis Marques³
 Vicente Eduardo Soares de Almeida⁴

¹Fundação Oswaldo Cruz,
 Brasília, Distrito Federal, Brasil.

²Universidade de Brasília,
 Brasília, Distrito Federal, Brasil.

³Fundação Oswaldo Cruz,
 Brasília, Distrito Federal, Brasil.

⁴Empresa Brasileira de Pesquisa
 Agropecuária, Brasília,
 Distrito Federal, Brasil.

Correspondência

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
 Endereço - Avenida L3 Norte, s/n, Campus
 Universitário Darcy Ribeiro, Gleba A
 CEP: 70910-900 - Brasília - DF
 Telefone: (61) 3329.4546 /4632
 e-mail: ricardo.sampaio@fiocruz.br
 marcelo.jesus@fiocruz.br

RESUMO

Introdução: A Incubadora Tecnológicas de Cooperativas Sociais de Economia Solidária da UnB em parceria com a Fiocruz Brasília vem desenvolvendo um projeto de geração de trabalho e renda junto ao assentamento Cunha, na cidade Ocidental, em Goiás. Inicialmente, está sendo realizada uma atividade de inclusão digital e economia solidária.

Objetivo: Refletir sobre território e resistência por meio de uma experiência com juventude rural e economia solidária.

Metodologia: Foi realizada uma observação participante por meio de visita no território, com registro em diário de campo e entrevista.

Resultados: Em uma visita foi possível conhecer o assentamento, e observar aspectos importantes sobre o território e participar de uma atividade formativa no Centro de Metarreciclagem em Valparaíso, em Goiás. Os jovens vivem sob a pressão e o constante risco de abandonar a comunidade e a casa dos pais pela carência de transporte coletivo, acesso aos serviços de saúde e a uma escolarização regular, além da ausência completa de atrativos culturais, possibilidades de aumentar a renda ou as oportunidades laborais e de formação.

Conclusão: Este trabalho mostrase promissor como possibilidade de qualificação profissional por meio da inclusão digital e também, como perspectiva futura de melhoria tecnológica dos meios de produção e comercialização. E o fundo solidário poderá permitir aos jovens financiarem pequenos negócios para geração de renda no campo. Como é um projeto inicial, avaliações periódicas e monitoramentos de processo e resultado são necessários.

Palavras-chave: Desenvolvimento Rural, Juventude Rural, Economia Solidária.

ABSTRACT

Introduction: The Technological Incubator of Social Cooperatives Solidarity Economy of UnB in partnership with Fiocruz Brasília has developed a job and income generating work with the Cunha settlement in Western city, Goiás. Initially, digital inclusion and solidarity economy activities.

Objective: The aim of this work is to reflect on territory and resistance through an experience with rural youth and solidarity economy.

Methods: The research was developed through the method of participatory observation, visiting the territory, diary report and interviews.

Results: It was also possible to experience the settlement, observe important aspects of the territory and participate in a training activity in Recycle Centre in Valparaíso, Goiás. Young people live under pressure and at the constant risk of leaving the community and parent's home because of scarce of public transportation, access to health services and regular education, besides the complete absence of cultural attractions, opportunities to increase income or get employed and training opportunities.

Conclusion: This task showed promising as a possible qualification through digital inclusion as well as to future perspectives of technological improvement of production and trading means. And the solidarity fund could enable young people finance small businesses in order to generate income with their families in the field. Once it is an initial project, periodic assessments and monitoring of processes and results are needed.

Keywords: Rural Development, Rural Youth, Solidarity Economy

INTRODUÇÃO

Este artigo relata uma experiência inicial de economia solidária como uma forma de promoção da juventude no campo no assentamento Cunha, na Cidade Ocidental, em Goiás, por meio das parcerias entre Universidade de Brasília (UnB), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) – Hortaliças e Organização não-Governamental Programando o Futuro de Valparaíso, em Goiás. Esta experiência tem como principal influência a filosofia proposta pela economia solidária com formação junto a juventude rural com inclusão digital através da informática básica e manutenção de computadores, com a implementação de fundo econômico solidário.

A Fiocruz Brasília, em conformidade com as políticas do Ministério da Saúde, tem como sua missão institucional busca aproximar ciência de qualidade à inovação, à promoção da saúde e da equidade social. Unindo-se aos desafios do Plano Brasil sem Miséria, assim, além da produção de conhecimento e inteligência na área de governança. A Fiocruz Brasília vem atuando na área de desenvolvimento social local, com projetos de geração de trabalho, renda e economia solidária no território de Brasília e região metropolitana (conhecido como área de Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - RIDE/DF), em parceria com o Banco de Desenvolvimento Social (BNDES), UnB em consonância com o Programa Brasil Sem Miséria, por meio da inclusão produtiva urbana e rural.

Assim, a Fiocruz vem desenvolvendo o projeto “Produção Agroecológica, Tecnologia Social e Economia Solidária na Coopercarajás, juntamente com a Embrapa Hortaliças de Brasília e UnB através da Incubadora Tecnológicas de Cooperativas Sociais de Economia Solidária (ITCP) da UnB do campus de Planaltina, desde o início de 2015, construindo coletivamente com perspectiva de financiamento pelo BNDES.

Na expectativa de aguardar o financiamento para efetivar o projeto, várias ações já foram realizadas como a formalização da cooperativa, reuniões de planejamento e formação com os cooperados, e atualmente a ITCP vem atuado com ações de economia solidária para cooperação em autogestão, formação cidadã e sociotécnica por meio de projetos de intercâmbio com técnicos e outros movimentos sociais para visitas, oficinas programadas em assentamentos, formação associada às mídias digitais, inclusão digital e manutenção de computadores. Este projeto coloca a Coopercarajás conectada à Rede Nacional de Incubadoras Universitárias de Economia Solidária. A UnB do *Campus* Planaltina-DF tem como contrapartida no projeto a mobilização de pesquisadores, alunos e docentes para atuar na formação junto à cooperativa e no desenvolvimento de estratégias de economia solidária no assentamento Cunha.

A partir deste projeto de “Produção Agroecológica, Tecnologia Social e Economia Solidária na Coopercarajás” foi incentivada a criação da Coopercarajás, o assentamento Cunha juntamente com outros dois assentamentos, o Oziel (Planaltina-DF) e o Líder (Luziânia-GO). Essa cooperativa tem por finalidade primordial garantir aos associados, aos assentados da Reforma Agrária e agricultores e camponeses, urbanos e peri-urbanos, o acesso ao mercado, visando melhoria da qualidade de vida econômica e social de seus associados. A Coopercarajás¹ possui como objeto social: a produção, comercialização e a prestação de serviços voltadas para comercialização, serviços de armazenagem, serviços de abastecimento, serviços financeiros, serviços técnicos e científicos, serviços sociais e educacionais, serviços digitais e controle de qualidade.

O assentamento Cunha está localizado a 48 km de Brasília, na cidade Ocidental, e tem como principais atividades produtivas pequenas criações de gado leiteiro, galinhas, apicultura, frutas, grãos, verduras, legumes, através do manejo

sustentável, com práticas agroecológicas. O espaço é ocupado por famílias oriundas de dois movimentos que lutaram pela ocupação do território. São eles o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Luziânia-Goiás e o segundo grupo surgiu da organização de trabalhadores pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, anteriormente o dono do território utilizava o espaço para plantação de monoculturas.

Um dos princípios da Coopercarajás, e do assentamento Cunha é a agroecologia e a economia solidária. A economia solidária vai além da produção de bens e serviços, trabalha com as relações humanas, com livre participação, no princípio da solidariedade e gestão coletiva dos lucros. A economia solidária organiza-se a partir de fatores humanos, favorecendo as relações onde o laço social é valorizado através da reciprocidade e adota formas comunitárias, ressignificando o sentido da propriedade².

Nesta experiência, além da inclusão digital, está se iniciando um fundo rotativo solidário, que é uma atividade que se caracteriza por possuir recursos de natureza coletiva que objetivam diminuir a dificuldade que a falta de financiamento inicial. Rahmer³ define o fundo coletivo solidário como uma fonte de financiamento para novos empreendimentos da economia solidária, que promove inclusão no mercado de trabalho através do acesso ao microcrédito, contribuindo para o desenvolvimento local pela interação das organizações com as comunidades. Tem o seu desempenho baseado em três elementos distintos, sendo impossível a prática dessa atividade na falta de um desses elementos, são eles: os recursos, a rotatividade e a solidariedade. Recurso é tudo aquilo que possui um valor para a comunidade, podendo ser capital, materiais, animais, sementes, mão de obra, ou seja, é tudo aquilo disponível para investimento com o intuito de gerar novos recursos no futuro. A rotatividade é o processo de circulação desses recursos dentro da comunidade, onde o recurso nunca está parado ou concentrado nas mãos de uma parcela da comunidade, fazendo com que as partes da população tenham acesso a esses recursos. E a solidariedade funciona como no intuito de fortalecimento da comunidade e criação de vínculos⁴.

OBJETIVO

Relatar o início da experiência do projeto de economia solidária e inclusão digital, realizado em parceria com a UnB e Fiocruz, como ferramenta de fortalecimento da juventude do assentamento Cunha com o intuito de promover o crescimento de atividades econômicas sustentáveis, geridas na base da cooperação entre os seus trabalhadores, numa perspectiva de desenvolvimento local e de construção de relações sociais, junto a juventude rural do assentamento Cunha.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste em uma observação participante do projeto de economia solidária e inclusão digital. A observação participante é um dos elementos mais fundamentais da pesquisa etnográfica, onde o pesquisador busca por observar: como os processos se organizam; como funcionam; quais as incongruências entre o que é dito e o que é feito; como se processam as relações hierárquicas, relações entre pares, relações entre opostos; e quais os símbolos e sinais significativos dos processos em investigação que estão sendo emitidos e naturalizados no cotidiano⁵. A observação participante foi relatada por meio diário de campo, detalhando a visita e atividade acompanhada como parte do estágio curricular da graduação de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia da UnB.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Foi possível em um dia de visita de campo conhecer o assentamento Cunha e a Estação de Metarreciclagem em Valparaíso-GO, como parte do percurso formativo em inclusão digital.

O assentamento Cunha foi ocupado em 1997 por cerca de 300 famílias, com suas origens no Rio Grande do Sul, Goiás e Nordeste, ligadas aos movimentos mencionados acima. A discussão embrionária do assentamento Cunha, principalmente fomentada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), partia da ideia de que ele pudesse se constituir num assentamento de referência, onde todas as famílias estivessem organizadas coletivamente diferenciando-se principalmente da organização em lotes individualizados, muito comum nos projetos de assentamento da região. Hoje, o assentamento conta com 61 famílias sendo 50

ligadas à Sindicato dos Trabalhadores de Luziânia e 11 ligadas ao MST.

O Cunha, além das práticas agroecológicas, vem ganhando destaque por conta do desenvolvimento da agricultura familiar. Somando a isso, o espaço conta com um trabalho de formação no campo de estágio, pesquisa e extensão de universidades e com outras instituições.

A juventude do Cunha é composta por filhos/as de assentados/as cujo entrosamento é um processo que lhes é muito próprio e tem seu ritmo e intensidade; a participação deste grupo de jovens em oficinas da universidade e parceiros tem levando-as a se constituir um quase-coletivo de juventude, que denominaram de Jaca do Cunha. O grupo que participa das ações de economia solidária e inclusão digital é de aproximadamente 15 jovens.

No sábado, 30 de abril, foi realizada uma visita ao assentamento Cunha para conhecimento da região estudada. Logo na chegada à região é perceptível notar a resistência das comunidades locais frente ao urbanismo, ao modernismo e ao poder. Uma diferença de realidade em um espaço geograficamente pequeno, mas de grande importância nas vidas das comunidades que habitam a região, pois na entrada da estrada que dá acesso ao assentamento Cunha e demais comunidades, existe um condomínio de luxo Alphaville.

A presença desse condomínio em uma área que divide espaços entre a comunidade do quilombo Mesquita e o assentamento Cunha, levanta questões a serem discutidas a respeito das pressões que os povos da região sofrem em decorrência da especulação imobiliária e uso das terras ao redor do condomínio para plantio de monoculturas (eucalipto e grama) em contraposição a diversidade da produção agroecológica do assentamento Cunha.

Juntamente com um professor da Faculdade de Planaltina da UnB, percorremos uma estrada de terra por cerca de 15 minutos até chegarmos na propriedade onde está localizada o assentamento, chegando aproximadamente às 10 horas da manhã. De início estacionamos o carro em frente a primeira estrutura do local, a casa de abelhas, local esse que será usado para formação de jovens e adultos com relação a questões sociais e de informática.

Primeiramente, nos encarregamos de descer os computadores doados para alocá-los em um espaço do Telecentro batizado de Casa de Abelhas, e que posteriormente receberá novas doações de computadores para aí sim dar o pontapé inicial do projeto. Realizada essa atividade, nos deslocamos a uma das casas dos assentados, com cerca de 15 pessoas à nossa espera para um café da manhã coletivo.

O primeiro contato com um dos moradores do local foi com o jovem M., inclusive ele nos ajudou a descarregar o carro na Casa de Abelhas. A princípio, e pelo que pude notar ao longo da visita, M. era o interlocutor entre o professor e os outros moradores, como um jovem de referência. M. ficou de nos mostrar uma das atividades que estava sendo realizada naquele momento, que era a construção de uma nova estufa na área, para a plantação de frutas.

A comunidade recebeu duas amostras de sementes de tomates para plantio, das espécies cereja e de mesa, ambas orgânicas e que começariam a ser plantadas dentro de um prazo de 30 dias. Posteriormente, tive um contato breve com Ivo Barfknecht, espécie de líder local, ele e outros assentados discutiam a plantação de uma espécie de alho que já não era mais comercializada, a ideia era plantação de uma espécie de alho que tinha perdido o seu espaço no mercado, mas não somente isso, uma espécie que era um pouco menor em relação ao comercializado hoje, e além disso, era resistente a uma praga que acabava por estragar o alho por dentro.

Após esse breve contato, voltamos para a primeira casa visitada para conclusão do café da manhã coletivo, e foi aí que conheci o professor Wesley, responsável pela Estação de Metarreciclagem, uma ONG denominada de Programando o Futuro. O professor estava no local para dar continuidade ao projeto de formação em informática básica e manutenção de computadores.

Para isso, levamos todos os moradores que nos esperavam no início da visita para a sede da ONG, em Valparaíso-GO. A sede do Programando o Futuro ocupa um espaço que anteriormente era um ginásio de esportes que acabou sendo abandonado por conta da violência na região e dominado pelo tráfico de drogas. O espaço em questão acabaria por ser demolido para a construção de uma praça de convívio, porém esse projeto acabaria por ter uma barreira que impediu o andamento e execu-

ção do mesmo, o qual era o mesmo motivo que acabou por fechar as portas do ginásio, a violência.

Foi então que os responsáveis pela ONG levaram a prefeita da cidade para a sua antiga sede, em Samambaia, para demonstração do trabalho realizado no local, e com a aprovação da prefeita tiveram o espaço do ginásio cedido para mudança do local da sede projeto.

A construção da estrutura do espaço utilizado foi toda realizada a partir de doações realizadas à instituição, como tijolos, blindex, ar-condicionado, divisórias de escritórios, portas, mesas, cadeiras, etc.

O espaço fornece cursos de capacitação como: Manutenção de computadores, informática básica, robótica livre e produção de vídeo com dispositivos móveis. O projeto Programando o Futuro tem como objetivo fornecer espaço para reciclagem de lixo eletrônico e promover o treinamento de jovens e adultos em oficinas de informática. O espaço conta com uma sala administrativa, uma sala hacker, uma sala de aula de informática básica, um espaço com blindex para o bazar de objetos doados para arrecadação de fundos, uma sala de manutenção de computadores, o galpão para armazenamento de material eletrônico a ser reciclado e uma espécie de “garagem” para o desmanche dos eletrônicos. A atividade de desmanche de eletrônicos realizada pela ONG separa os materiais recicláveis, como: plástico, metal, placas, fios, circuitos, etc., e essa atividade é o que gera o sustento do projeto.

Os moradores do assentamento foram levados ao local para explicar a importância dos cursos de informática básica e manutenção de computadores para a criação de mais uma renda para a comunidade. Mas o objetivo principal da visita não era esse, e sim passar vídeos/documentários em um projetor a respeito da economia solidária e do fundo rotativo solidário, processos que estão por ser implantados/adotados pela comunidade, inclusive já com uma conta na Caixa Econômica Federal que será destinada ao fundo.

O material a ser exposto, contava com informações nunca antes vista pelas pessoas da comunidade, questões como o que era economia solidária, para que servia, o que era o fundo rotativo solidário, como realizar a implantação dessa prática na comunidade, qual a importância disso para o crescimento da comunidade.

Após a exposição dos vídeos/documentários a respeito do tema, o professor inicia uma exposição dialogada. Além das dúvidas, deu ênfase na questão da cooperação entre a comunidade no que diz respeito ao gerenciamento do recurso que a eles seria disponibilizado, o qual deveria ser muito bem aproveitado para os investimentos que seriam realizados pela comunidade ao longo do tempo, e de alguma maneira ter o seu valor bruto aumentado para investimentos maiores a serem realizados no futuro. O professor sugeriu que com esse dinheiro a comunidade organizasse festas, como a festa junina, e convidasse as comunidades ao redor para confraternização e arrecadação de capital para o fundo rotativo solidário.

Realizadas todas as atividades propostas, reunimos todos os participantes da visita ao Centro de Metarreciclagem e voltamos para o início da estrada que dava acesso ao assentamento Cunha, foi nesse momento que o professor e eu nos despedimos dos moradores e voltamos para Brasília. No caminho de volta ele me apresentou os seus anos de experiência à frente de projetos como esse, o quão difícil era para uma comunidade que nunca teve acesso a informações como essa lidar com a situação de maneira correta e visando o crescimento coletivo e não individual. Além disso, o professor brevemente contou a respeito de suas experiências e carreira, nos despedimos na rodoviária do Plano Piloto com a promessa de nos reencontrarmos para uma nova jornada de trabalhos junto à comunidade do assentamento Cunha.

Um aspecto chama a atenção sobre esta experiência é sobre o conceito de território, que pode ser compreendido como espaço necessário a qualquer população evoluir, em todos os sentidos. Território é o espaço desde o qual sua família encontra sua subsistência, até o espaço necessário a evolução de um Estado, que deve assim, sempre pensar na aquisição de mais espaços territoriais⁶. Para Raffestin⁷, a compreensão do território como uma relação do homem com o espaço se deve pelo poder, pois o território se forma a partir do espaço, sendo uma ação conduzida de um ator ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, ou seja, o ator territorializa o espaço.

Um território, antes de ser uma fronteira, é um conjunto de lugares hierárquicos, conectados por uma rede de itinerários. No interior deste espaço-território os grupos e as etnias vivem uma certa ligação entre o enraizamento. A territorialidade se situa na junção destas duas atitudes: ela

engloba ao mesmo tempo o que é fixação e o que é mobilidade⁸.

Do ponto de vista dos movimentos sociais camponeses, a conquista do “assentamento como fração do território é um trunfo na luta pela terra”⁹. A conquista de frações do território, ou seja, de assentamentos é um processo configurado pelo autor como a territorialização da luta pela terra.

O movimento bem-sucedido de territorialização da luta pela terra traz dois trunfos importantes na luta por um projeto de desenvolvimento. Primeiramente, contribui para a criação de uma identidade, fundamental na construção do território, além disso, permite um fortalecimento na continuidade da disputa pela terra (novas frações do território)¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou apresentar alguns pontos entre a parceria da Fiocruz, UnB e Coopercarajás em relação ao trabalho realizado junto aos moradores do assentamento Cunha, evidenciando a importância das atividades realizadas junto a implantação da economia solidária para a construção de uma comunidade mais justa e com oportunidades para os jovens, que acabam por abandonar as atividades dentro do assentamento por conta de outras oportunidades remuneradas.

É possível notar que o poder se territorializa com uma eficiência muito maior. Vivemos em uma sociedade capitalista, na qual quem tem capital tem poder, esse poder se sobrepõe aos “sabores, saberes, poderes” das comunidades do campo, ou seja, o capital na figura do agronegócio atropela culturas, territorialidade e territórios.

Através do descrito sobre economia solidária e o fundo coletivo solidário, a população beneficiada por essas ações é representada pelos grupos de produtores locais do assentamento Cunha, pelos consumidores do Distrito Federal e região que apoiam os produtores e pela juventude local, filhos/as das famílias assentadas que vivem a pressão e o constante risco de abandonar a comunidade e a casa dos pais pela carência de transporte coletivo, acesso a serviços de saúde e a uma escolarização regular, além da ausência completa de atrativos culturais, possibilidades de aumentar a renda ou as oportunidades laborais e de formação.

Ser jovem em um assentamento parece ser uma experiência ambivalente – de um lado, aspiram a ter acesso ao que outros jovens do meio urbano mais próximo ou distante tem com facilidade, mas vivem também a pressão e o constante risco de abandonar a comunidade e a casa dos pais pela carência de transporte coletivo, acesso aos serviços de saúde e a uma escolarização regular, além da ausência completa de atrativos culturais, possibilidades de aumentar a renda ou as oportunidades laborais e de formação.

Este trabalho mostra-se promissor como possibilidade de qualificação profissional por meio da inclusão digital e também, como perspectiva futura de melhoria tecnológica dos meios de produção e comercialização. E o fundo solidário poderá permitir aos jovens financiarem pequenos negócios para geração de renda no campo e com suas famílias. Como é um projeto inicial, necessita de avaliações e acompanhamentos de processo e resultado.

REFERÊNCIAS

1. Coopercarajás. Cooperativa de produção e comercialização agroecológica Carajás. Estatuto Social da Cooperativa Coopercarajás. 2016 jun 19.
2. Lechat NMP. As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil. *Economia solidária*. 2002; 4 Suppl 4:S4-17.
3. Rahmer BS. O que é um fundo solidário. Projeto Vencer Juntos: Geração de Renda e Fomento de Fundos Solidários. Disponível em: <http://vencerjuntos.org.br/index.php/o-que-e-um-fundo-solidario>. Acesso em: 04/out/2016.
4. Sobral. Fundo rotativo solidário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nf4OfEH1xZE>. Acesso em: 27/abr/2016.
5. Minayo MC; Assis, SG; Souza, ER. Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.
6. Ratzel F. Geografia do homem (Antropogeografia). In: Moraes, ACR. São Paulo: Ática; 1990. p. 32-107.
7. Raffestin C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática; 1993.
8. Holzer W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Revista Território*. 1997 jul/dez 2(3): 77-85.
9. Fernandes BM. Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST (1979–1999) [tese]. Universidade de São Paulo, 1999.
10. Ribeiro BFL, Florêncio SRL. A re-existência camponesa na construção do território do sudeste paraense (1995–2004). II Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária - Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira, 2005 nov 11-15, Presidente Prudente: outono; 2005. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/grupos/nera/publicacoes/singa2005/Trabalhos/Artigos/Fernando%20Michelotti.pdf>. Acesso em: 04/out/2016.